

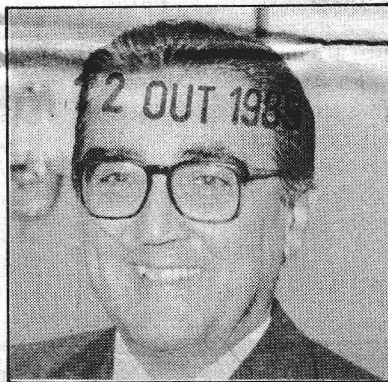
Empresários: desastre é evitável.

Econ. Brasil

Sacrifício e renúncia. Estas foram as palavras mais ouvidas, ontem, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), onde estiveram reunidos 130 empresários do comércio, indústria, agricultura e do setor financeiro, para firmar um grande pacto contra a hiperinflação. No documento de três laudas e meia divulgado após a reunião, os empresários liderados pelo presidente da Fiesp, Mário Amato, afirma que "o desastre é evitável", desde que todos concordem com "o sacrifício e a renúncia". Muitos empresários ficaram com a impressão de que ainda há resistências ao "sacrifício". O presidente da Sociedade Rural, Flávio Telles de Menezes, observou, por exemplo, que há 90 dias os produtos agrícolas vêm sendo vendidos com preços abaixo da inflação.

A reunião foi convocada por Amato depois de um encontro, em Brasília, com o presidente José

Sarney, na semana passada, junto com o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, e Matias Machline, do Grupo Sid Sharp. Na ocasião, Sarney disse que o governo fez tudo que pôde para impedir a hiperinflação e pediu apoio dos empresários. Ficou muito claro, ontem, entre os empresários, que não se trata de apoiar as autoridades, mas de salvar a democracia e a economia,



Paulo Cunha: controle e transição.

embora nem todos estejam conscientes da gravidade do momento, como disse Edmundo Klotz, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos. (Abia). João José Locoselli, presidente do Sindicato da Indústria de Produtos de Limpeza, foi mais longe: "Está na hora de sacrificar os anéis para não perder os dedos". Já Paulo Cunha, diretor-presidente do Grupo Ultra, ponderou que o controle de preços é a única alternativa capaz de garantir a transição política e econômica até as eleições.

Mas ainda terá que haver muita negociação para que os empresários se entendam. Abílio Diniz, vice-presidente executivo do Grupo Pão de Açúcar, lembrou que a atitude do comércio vai depender da postura da indústria. O mais importante, acrescentou o presidente da Fiesp, é que haja uma trégua nos repasses de custos nos preços finais.